



{SUPLE MEN+O.

BELO HORIZONTE, DEZEMBRO DE 2008. EDIÇÃO ESPECIAL DE NATAL. SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS.

CAMILA DINIZ E PAULO DE ANDRADE

NATAL DE MIL E UMA NOITES

A idéia original deste *Suplemento Especial de Natal* nos foi proposta por Bartolomeu Campos Queirós, que deveria assumir o papel de curador da edição. Contudo, antes de iniciarmos o processo de composição do jornal, Bartolomeu precisou afastar-se, cabendo a nós mesmos o trabalho de seleção dos textos e das imagens. Assim, como forma de agradecimento e homenagem, dedicamos este Suplemento a Bartolomeu, que – além de grande escritor e colaborador do *Suplemento Literário* – sempre foi um incentivador de novas idéias.

O conjunto de textos aqui apresentados, todos de grandes escritores, exigiu-nos uma profunda pesquisa literária cujo intuito foi o de oferecer ao leitor uma coletânea de textos que, embora já publicados em livros ou outras mídias, fossem menos célebres ou conhecidos apenas parcialmente. Assim, deixamos nossos sinceros agradecimentos a todas as editoras aqui referidas, aos tradutores e detentores dos direitos dos textos, que nos concederam as respectivas autorizações para a publicação.

Entretanto, gostaríamos também de deixar aqui nossa tristeza, mais do que indignação, em relação à editora Companhia das Letras, que não nos permitiu a utilização de dois textos e não aceitou a forma de pagamento por nós proposta. Eram eles “O pinheirinho”, de Hans-Christian Andersen, extraído do livro *Histórias do Cisne*, e “Os filhos de Papai Noel”, conto de *Marcovaldo ou As Estações na Cidade*, de Italo Calvino. Expressamos publicamente nossa tristeza porque se trata de um ato que revela a indiferença e o descaso para com a **função social** da Literatura, considerando-se que o *Suplemento Literário de Minas Gerais* é distribuído **gratuitamente** para todo o Brasil e o exterior, com o objetivo de fazer chegar às mãos de escritores e leitores, das mais diversas ideologias, o melhor da literatura de todos os tempos. É, portanto, com muito pesar que privamos nossos amigos da leitura de um desses contos (o de Andersen foi retraduzido), esperando que as editoras que assim pensam reavaliem suas políticas culturais.

Agradecemos ainda ao Alencar e a todo o pessoal da Livraria e Café Quixote, pela presteza e auxílio constantes. Ao departamento de Artes Plásticas do Palácio das Artes – Fundação Clóvis Salgado, na pessoa de Domingos Sávio Reale Pereira, que nos possibilitou fotografar a exposição de Hilal Sami Hilal. E a Cinara de Araújo e Sérgio Antônio Silva, pela consultoria e sugestões.

Camila Diniz
Editora

Paulo de Andrade
Assessor Editorial



CAPA: **HILAL SAMI HILAL.**
Instalação *Sherazade*, da exposição *Seu Sami*
[Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008].

Hilal Sami Hilal é graduado em Artes Plásticas, pela UFES, com aprofundamento em pesquisa de papel feito à mão no Japão. Vive e trabalha em Vitória, ES.

Fotografia: Paulo Lacerda.

GOVERNADOR DO ESTADO DE MINAS GERAIS **AÉCIO NEVES DA CUNHA** SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA **PAULO BRANT** SECRETÁRIA ADJUNTA **SYLVANA PESSOA** SUPERINTENDENTE DO SLMG **CAMILA DINIZ FERREIRA** ASSESSOR EDITORIAL E REVISOR **PAULO DE ANDRADE** + PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE **MÁRCIA LARICA** + CONSELHO EDITORIAL **ÂNGELA LAGO** + **CARLOS BRANDÃO** + **EDUARDO DE JESUS** + **MELÂNIA SILVA DE AGUIAR** + **RONALD POLITO** + EQUIPE DE APOIO **ANA LÚCIA GAMA** + **ELIZABETH NEVES** + **APARECIDA BARBOSA** + **WESLEY RODRIGUES** + ESTAGIÁRIOS **BRUNA MARTA** + **GABRIEL ANGELIS** + **MARIA FERNANDINA** + JORNALISTA RESPONSÁVEL **ANTÔNIA CRISTINA DE FILIPPO** (REG. PROF. MTB 3590/MG) TEXTOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. AGRADECIMENTOS: IMPRENSA OFICIAL/**FRANCISCO PEDALINO** DIRETOR GERAL, **J. PERSICHINI CUNHA** DIRETOR DE TECNOLOGIA GRÁFICA + **USINA DAS LETRAS/PALÁCIO DAS ARTES** + **CINE USINA UNIBANCO** + **LIVRARIA E CAFÉ QUIXOTE**.

{SUPLE
MEN+O.

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 - Anexo
30130-180 Belo Horizonte MG
Tel/fax: (31) 3213 1072
suplemento@cultura.mg.gov.br

ACESSE O SUPLEMENTO ONLINE:
www.cultura.mg.gov.br

Impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

SÃO MUITAS AS VERSÕES que fazem remontar a origem das celebrações do nascimento de Cristo em 25 de dezembro, no calendário católico, a antigas crenças pagãs, relativas à fertilidade, à maternidade e à astronomia, em que muitos povos europeus comemoravam – justamente por volta dessa data – o solstício de inverno, começo do novo ano.

Parece igualmente antiga a prática das famílias de, durante o inverno, ao pé das lareiras, contarem às crianças lendas e estórias. Na transformação da cultura e dos costumes, esse hábito foi associado ao Natal cristão e a seus ícones modernos, como o Papai Noel, as árvores natalinas e os presentes. Surge então, na literatura, uma espécie de subgênero: *o conto de Natal*.

Celebrando sobretudo essa remota faculdade fabulativa do homem, trazemos nesta edição especial do *Suplemento Literário* uma breve e diversificada antologia de textos de Natal: alguns contos e poemas de grandes escritores brasileiros e estrangeiros. Abrindo o conjunto, ninguém melhor do que Andersen, autor que, mesmo se dirigindo a um público infantil, não deixava de ser sutil e requintado, apresentando – como se pode ler em “O pinheirinho” – uma visão implacável sobre o desejo humano e a passagem do tempo, assim como uma crítica irônica às estórias “infantis” que alimentavam – ainda alimentam – a ilusão de um mundo harmônico.

De Kafka, selecionamos “O cavaleiro do balde”, escrito no inverno de 1916 e apenas publicado em 1921, num suplemento de Natal do jornal *Prager Press*, como nos informa seu tradutor, Modesto Carone. Apesar de seu caráter fabular e algo maravilhoso, o texto kafkiano nasceu de uma experiência concreta: a escassez de carvão que atingiu a Rua dos Alquimistas, em Praga, quando o escritor ali se achava instalado. Seu conto nos fala de uma sociedade marcada pela diferença de classes e, como ainda nos diz Carone, por “um mundo enigmático e sem remissão”.

Das terras portuguesas, ou talvez de mais longe, infinitamente mais longe, embora “distante como a palma da mão”, nos vem a prosa inigualável e fulgurante de Maria Gabriela Llansol – aquela que será, nas palavras proféticas do crítico português Eduardo Lourenço, “o próximo grande mito literário português”. E talvez seja exatamente esse fragmento de seu diário *Finita* que faça a dobra entre os textos aqui reunidos e as belíssimas imagens do trabalho de Hilal Sami Hilal, que funcionam como um tributo ao livro e à leitura.

Passando à poesia, trazemos, como talvez dissesse Manuel Bandeira, um poeta bissexto: Guimarães Rosa. São sete poemas retirados de uma série de vinte e seis, escritos a partir de quadros que retratam a cena do nascimento de Jesus. Numa linguagem concisa e substantiva, o olhar de Rosa recai belamente sobre o boi e o burrinho do presépio.

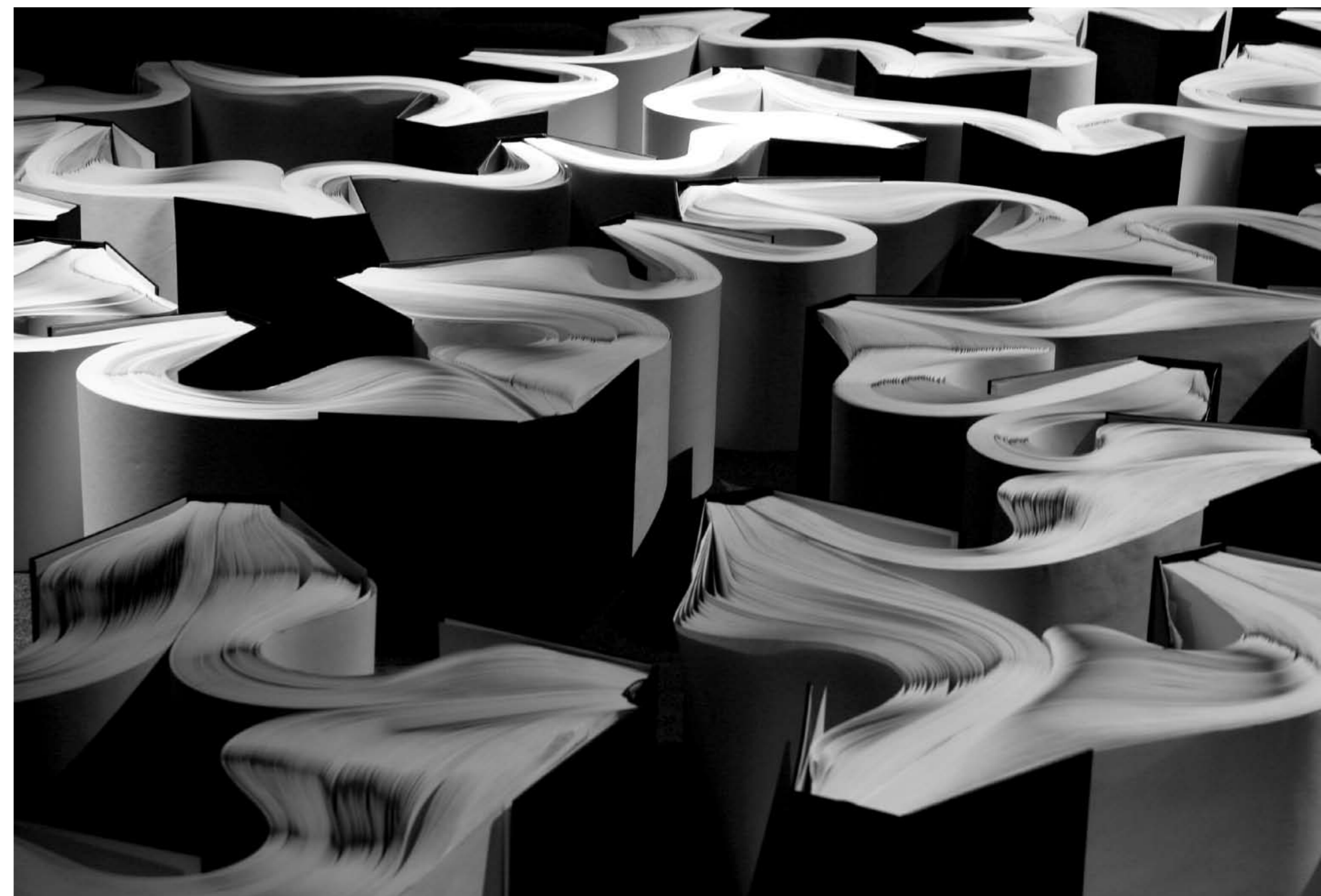
Numa completa mudança de tom, chega-nos um conto do francês Guy de Maupassant, de uma ironia quase bufônica, apesar das cores realistas. Voltando à poesia, convocamos Vinicius de Moraes: um Vinicius grave e denso, de imagens claras e verso preciso, lembrando-nos – como só os grandes poetas sabem fazer – do enlaçamento entre vida e morte.

Dos grandes mestres russos, célebres por seus mergulhos nas “profundezas da alma”, apresentamos “Vanka”, um comovente conto de Tchekov, com tradução de Manuel Bandeira, sobre um menino órfão e pobre que escreve, na noite de Natal, uma carta para seu avô, único membro vivo de sua família.

Como não poderia deixar de ser, contamos também com a presença de Fernando Pessoa, ou, melhor dizendo, Alberto Caeiro, o heterônimo mestre dos outros heterônimos. Do seu *O guardador de rebanhos* – em que se pode ler o intrincado jogo entre uma filosofia pagã, o desejo de se fugir à metafísica e a divinização das pequenas coisas simples –, trazemos o poema sobre um Menino Jesus que foge dos Céus e desce à Terra para viver entre os homens. Mesclando ternura e irreverência, o poema ficou largamente conhecido no Brasil pelas várias gravações de fragmentos feitas por Maria Bethânia em seus shows.

Clarice Lispector comparece com pequenas crônicas escritas originalmente para sua coluna no *Jornal do Brasil*. Mesmo declarando-se “não-religiosa”, Clarice une – bem a seu modo – a ponta do “mistério” natalino à linha da vida cotidiana.

Para fechar esse conjunto heterogêneo de textos e autores, escolhemos – não por acaso – o texto *Escritura*, de Bartolomeu Campos Queirós. Recontando e reinventando a narrativa do nascimento de Cristo, “através do primado mais exigente da forma, das figuras da língua”, do rigor da poesia, ele “permite que o milagre, o mistério e o escândalo desse nascimento se renovem diante de nós”. E condensa – numa única palavra – a marca e a promessa que nos foram legadas.



HILAL SAMI HILAL. Instalação *Sherazade* (detalhe), da exposição *Seu Sami* – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008. Foto: Paulo Lacerda.

Lá fora, na floresta,

havia um belo pinheirinho. Nasceu num lugar agradável, onde havia muita luz e o ar circulava. Em torno dele, cresciam outras árvores, maiores – pinhos também – e assim ele ansiava por crescer mais. Não dava valor ao ar fresco, ou ao sol ou às crianças que vinham à floresta tagarelar e procurar morangos e framboesas. Passavam muitas vezes com um cesto cheio, sentavam-se junto ao pinheirinho e enfiavam os morangos num espeto. Depois diziam: “É tão lindo esse pequetito!” – e era tudo o que ele não queria ouvir.

No ano seguinte, ele tinha ficado mais alto, e no outro ano cresceu ainda mais. Podemos sempre deduzir, pelo número de anéis que tem no tronco, a idade de um pinheiro.

“Ah, se eu fosse grande como os outros!”, o pinheirinho suspirava. “Eu ia poder espalhar longamente meus ramos e, de cima, contemplar a vastidão do mundo. Os pássaros construiriam ninhos nos meus galhos e, quando o vento soprasse, eu me inclinaria graciosamente, como as outras árvores”. Mas nada lhe agradava – nem os raios do sol, nem os passarinhos, nem as nuvens cor-de-rosa que, dia e noite, navegavam pelo céu.

No inverno, quando a neve cobria tudo com sua brancura resplandecente, uma lebre vinha saltitante e – que raiva que dava! – pulava por cima do pinheirinho. Mas quando chegou o terceiro inverno ele estava tão alto que a lebre teve de contorná-lo. “Ah, crescer, crescer, ficar grande e velho! Essa é a melhor coisa do mundo” – ele pensava.

No outono, os lenhadores costumavam vir – todos os anos – e abater algumas árvores maiores. O pinheirinho, que havia atingido agora uma boa altura, tremia de medo, pois aquelas

árvores grandiosas caíam no chão num estrondo de estalidos, e os galhos eram cortados, deixando-as longas e nuas, quase irreconhecíveis. Depois, eram colocadas em carroças e levadas da floresta. “Para onde iam? Qual era sua sorte?”

Na primavera, quando as andorinhas e as cegonhas chegaram, o pinheirinho perguntou: “Vocês sabem para onde elas foram levadas? Vocês as viram?” As andorinhas de nada sabiam, mas a cegonha coçou a cabeça, pensativa, e disse: “Sim, acho que sei. Vi muitos navios novos, quando deixei o Egito. Tinham mastros esplêndidos; aposto que eram elas. Senti o perfume dos pinheiros. Tudo o que posso dizer é que eram altas e imponentes – muito imponentes!”

“Ah, se eu fosse grande bastante para navegar pelo mar! Como é o mar? Com o que se parece?”

“Hummm... é difícil de explicar” – respondeu a cegonha. E partiu.

“Alegre-se por ainda ser jovem”, disseram os raios de sol. “Goze bem a vida e esse verdor que emana de você.” E o vento beijou-lhe a ramagem, e o orvalho respingou lágrimas sobre ele, mas o pinheirinho nada compreendeu.

Próximo do Natal, muitas árvores jovens foram cortadas, mesmo algumas que eram mais novas e menores do que nosso impaciente pinheirinho, que, sem alívio nem descanso, desejava, mais do que nunca, partir. As árvores escolhidas eram sempre as mais belas e os lenhadores não cortaram seus galhos, apenas as puseram nas carroças que os cavalos mais uma vez levaram embora.

“Para onde vão?”, perguntou o pinheirinho. “Algumas são muito menores do que eu. Por que não lhes cortaram os ramos? Para onde serão levadas?”

“Nós sabemos! Nós sabemos!”, piaram os pardais. “Lá em baixo, na cidade, espreitamos pelas janelas, por isso sabemos para onde vão. Ah! Vão tornar-se ainda mais magníficas, cintilantes, como você nem pode imaginar. Pelas janelas, nós as vimos, plantadas no meio de uma sala aquecida, e decoradas com coisas encantadoras – maçãs douradas, pães de mel, brinquedos e centenas de velas.”

“E depois?”, perguntou o pinheirinho, tremendo todos os ramos de ansiedade. “E depois? O que acontece depois?”

“Bem” – disse o pardal – “só vimos isso... Mas era maravilhoso!”

“Será que também terei o mesmo destino?”, entusiasmou-se o pinheirinho. “Seria ainda melhor do que viajar pelo mar! Estou ficando doente de tanta espera. Se pelo menos já fosse Natal!... Agora sou tão alto e forte como os outros que foram levados no último ano. Oh, como eu queria já estar na carroça! Ou na sala aquecida, com todo brilho e esplendor! E depois? Depois deve ser ainda mais maravilhoso, senão por que me enfeitariam? Deve ser alguma coisa grandiosa, extraordinária! Mas, o quê? Ah, que desânimo... Não sei o que está acontecendo comigo!”

“Alegre-se por estar aqui conosco”, disseram o ar e a luz do sol. “Alegre-se pelo frescor de sua juventude, pela sua liberdade.” Mas o pinheirinho não deu importância, apenas crescia e crescia. Inverno ou verão, continuava ali, verde – de um lindo verde-oliva. Todos que o viam exclamavam: que bela árvore! E, antes do Natal, foi o primeiro a ser cortado. O machado cravou-se bem fundo em seu tronco – e ele caiu, soltando um longo suspiro: sentiu uma dor profunda – ele sofria. Não pôde pensar em felicidade, pois estava triste: ia abandonar suas raízes. Sabia que nunca mais veria os velhos amigos, ou os pequenos arbustos e as flores, talvez nem mesmo os pássaros. De fato, não havia prazer na partida.

O pinheirinho só voltou a si quando estava sendo descarregado num quintal, juntamente com outras árvores, e ouviu um homem dizer: “Este é esplêndido. Queremos ele!” Depois, vieram dois criados de uniformes e levaram o pinheirinho para uma sala enorme e bonita. Quadros enfeitavam as paredes e, próximo da grande peça de cerâmica envernizada, havia jarros chineses com leões nas tampas. Mais adiante, havia cadeiras de

balanço, canapés de seda, grandes mesas cobertas de livros ilustrados e brinquedos caríssimos – segundo diziam as crianças.

O pinheirinho foi posto dentro de um tonel cheio de areia, mas não se podia ver que era um tonel, porque estava revestido por um tecido verde e sob um longo tapete florido. Oh, como a árvore tremia! O que ia acontecer agora? Os criados e duas jovens começaram a enfeitar o pinheirinho. Nos ramos, penduraram pequenos sacos recortados em papel colorido. Em cada saquinho, colocavam guloseimas; maçãs e nozes douradas pendiam dos galhos, como se ali tivessem nascido, e centenas de velas – vermelhas, azuis, brancas – foram presas aos galhos. Bonecos que pareciam pessoas de verdade – o pinheirinho jamais havia visto coisa igual – flutuavam sobre o verde, e, bem no topo da árvore, foi amarrada uma estrela de ouropel. Era magnífico, como nada mais no mundo!

“Esta noite” – disseram todos – “esta noite, nós a acenderemos.”

“Oh” – pensou o pinheirinho – “quem me dera já fosse noite! Tomara que eles acendam logo as velas. E o que vai acontecer depois? Será que as árvores vêm da floresta para me admirar? E os pardais vão me ver através das janelas? Será que vou ficar aqui, todo enfeitado, inverno e verão?” Aquelas eram todas boas perguntas, mas o pinheirinho estava com uma forte dor na casca, de tanta ansiedade, e, para as árvores, dor na casca é tão terrível como a dor de cabeça para os seres humanos.

Por fim, as velas foram acesas. Que brilho, que esplendor! Um tremor percorreu todos os seus galhos, fazendo com que uma das velas atingisse um ramo verde e – o incendiasse. “Cuidado!”, gritaram as jovens, e apagaram o fogo. Agora o pinheirinho não ousava sequer tremer. Que tortura! Ele tinha tanto medo de deixar cair um de seus enfeites... estava atordoado por toda aquela luminosidade.

Naquele momento, as portas se abriram de par em par, e um bando de crianças invadiu a sala, como se quisesse derrubar o pinheirinho. Os adultos vieram atrás, com mais tranquilidade. As crianças se acalmaram – um instante apenas –, depois começaram a dar gritos de alegria e a dançar em volta da árvore. Em seguida, foram pegando os presentes, um a um.

“O que estão fazendo?”, se perguntava o pinheirinho. “O que vai acontecer?”

As velas arderam até os tocos e iam sendo apagadas uma após a outra. Depois as crianças receberam permissão para retirar as guloseimas da árvore e avançaram sobre ela com tanta

avidez que todos os seus ramos estalaram. Se não estivesse muito bem presa ao teto, pelo mesmo laço que amarrava a estrela, a árvore teria vindo abaixo.

As crianças dançavam na sala com os brinquedos nos braços, ninguém mais prestava atenção ao pinheirinho, exceto a velha babá, que olhava aqui e acolá, entre os ramos, para se certificar de que nada havia ficado para trás – nem um figo, ou uma maçã.

“Uma estória! Uma estória!” – gritavam as crianças, puxando para junto da árvore um homem baixinho e barrigudo, que ali se sentou. “Vejam, estamos em plena floresta” – brincou – “e o pinheiro também poderá nos ouvir, mas vou contar apenas uma estória. Querem aquela de Zé Pé-Rapado ou a de João Bumbalalão, que rolou escada abaixo e, ainda assim, subiu ao trono e casou-se com a princesa?”

“Zé Pé-Rapado!”, alguns gritavam; “João Bumbalalão!”, diziam outros, numa algazarra total. Só o pinheirinho permaneceu em silêncio, e pensou: “Será que devo participar? Será que devo fazer algo?” Mas ele já havia feito a sua parte. E o homem contou a estória de João Bumbalalão, que caiu do alto das escadas, depois subiu ao trono e casou-se com a princesa. As crianças bateram palmas e pediram: “Mais uma! Mais uma!” Elas também queriam a estória de Zé Pé-Rapado, mas ficaram apenas com a do João Bumbalalão. O pinheirinho permaneceu silencioso e pensativo. Os pássaros da floresta nunca haviam contado uma história como aquela. “João Bumbalalão caiu das escadas e, mesmo assim, casou com uma princesa. É isso, o mundo é assim!”, ele concluiu, certo de que tudo aquilo era verdadeiro, pois o homem que havia contado a história era muito simpático.

“É... Quem sabe? Talvez eu também deva rolar escada abaixo e assim casarei com uma princesa!” – o pinheirinho animava-se, acreditando que, na noite seguinte, seria novamente decorado com velas e brinquedos, frutos e brilhos. “Amanhã, sentirei outra vez o tremor da alegria, todo o júbilo do meu esplendor. Amanhã, ouvirei outra vez a estória de João Bumbalalão, e talvez a de Zé Pé-Rapado também.” E, durante toda a noite, ele ficou ali, imóvel e calado, perdido em seus pensamentos.

Pela manhã, os criados entraram na sala. “Agora vão me enfeitar de novo!”, pensou o pinheirinho. Mas eles o levaram para fora da sala, e subiram as escadas até o sótão. Ali, num canto escuro, onde não chegava a luz do dia, eles o abando-

naram. “O que significa isso?”, pensou a árvore. “O que estou fazendo aqui? O que vai acontecer?”

Encostou-se à parede, pensou e pensou. E teve tempo suficiente, pois se passaram dias e noites sem que ninguém voltasse lá em cima. Quando finalmente alguém apareceu, foi apenas para guardar umas caixas, que cobriram completamente o pinheirinho – então eles o haviam esquecido?

“Agora é inverno lá fora. A terra está dura e coberta de neve. Não há como eles me plantarem. Deve ser por isso que tenho de ficar aqui, abrigado, até a primavera. Como são inteligentes e generosos! Se ao menos aqui não fosse tão escuro e solitário... nem uma lebre, sequer! Como era bonito lá na floresta, quando a neve formava um espesso tapete branco e aquela lebre aparecia, pulando – sim, mesmo quando ela saltava por cima de mim, embora, na época, eu não gostasse. Mas aqui a solidão é terrível!”

“Ic! Ic!”, fez um ratinho, que surgiu acompanhado de um outro. Eles cheiraram o pinheirinho e, depois, subiram pelos ramos. “Está um frio de rachar!”, exclamou o ratinho. “Não fosse isso, até que estaríamos numa boa, não acha, velho?”

“Não sou velho”, respondeu o pinheirinho. “Há outros bem mais velhos que eu.”

“De onde você é?”, eles perguntaram. “E o que tem para nos contar?” – eram muito curiosos. “Me diga: qual o lugar mais bonito do mundo? Você já foi lá? Já foi à dispensa, cheia de queijos nas prateleiras, e de presuntos pendurados no teto? Lá, a gente dança em cima das velas de sebo e quem entra magro sai barrigudo!”

“Nada sei a respeito”, disse o pinheirinho, “mas conheço a floresta, onde o sol brilha e os pássaros cantam.” Então, contou-lhes tudo sobre os dias de sua juventude. Os ratinhos, que nunca tinham ouvido algo assim, espicharam bem as orelhas e depois disseram: “Puxa! Como você é sortudo, já viu tudo isso! Cara, você foi mesmo feliz!”

“Eu?”, assustou-se o pinheirinho, pensando sobre o que ele próprio havia contado. “É mesmo... no fundo, foi uma época muito feliz.” Depois, contou-lhes sobre a noite de Natal, e como ele tinha sido enfeitado com doces e velas.

“Uau!”, os ratinhos admiraram-se. “Velho, você foi mesmo feliz!”

“Não sou velho”, disse novamente a árvore. “Só nesse inverno deixei a floresta. Estou na flor da idade, mas, talvez, meu crescimento esteja um pouco atrasado.”

“Você sabe mesmo contar uma estória!”, disseram os ratinhos. No dia seguinte, vieram com mais quatro amigos, que também queriam ouvir as histórias do pinheirinho, e, à medida que ele contava, tudo vinha com mais clareza à sua memória. “Foram mesmo tempos de alegria”, ele avaliava, “mas ainda podem voltar, sim, esses tempos voltarão! João Bumbalalão caiu da escada, mas, mesmo assim, casou-se com a princesa. Talvez eu também encontre uma princesa para mim...” – e lembrou-se de uma pequena amendoeira, tão graciosa, que havia brotado lá na floresta e que lhe parecia uma verdadeira princesa.

“Quem é João Bumbalalão?”, perguntaram os ratinhos. Então, o pinheirinho contou-lhes toda a história, tim-tim por tim-tim, e os ratinhos – de tanta satisfação – escalaram até o galho mais alto da árvore. Na noite seguinte, vieram ainda mais ratos e, no domingo, até mesmo duas ratazanas. Mas elas não viram graça nenhuma na estória e isso deixou os ratinhos confusos, que acabaram por achar que, de fato, ela não era tão boa assim.

“Você só sabe esta?”, as ratazanas perguntaram.

“Só”, respondeu o pinheirinho. “Ouvi essa estória na noite mais feliz de toda minha vida, mas, na época, eu não sabia o quanto era feliz.”

“Que estória mixuruca! Você não conhece nenhuma sobre *bacon* ou velas de sebo? Uma sobre despensa?”

“Não”, o pinheirinho respondeu.

“Então 'tá! Valeu mesmo assim”, disseram as ratazanas e se foram. Por fim, os ratinhos também partiram e o pinheirinho, triste, suspirou: “Como era bom ter aqueles ratinhos vivazes ao meu redor, ouvindo minhas histórias!... Agora isso também acabou. Mas um dia vão me tirar daqui – é nisso que devo pensar.”

Numa manhã, algumas pessoas vieram remexer no sótão. Retiraram as caixas e puxaram a árvore para fora. Elas a jogaram com força no chão, e um criado a arrastou para baixo, onde a luz do dia brilhava.

“Vida nova!”, pensou a árvore, assim que sentiu o ar fresco e os primeiros raios de sol – e logo estava no pátio. Tudo se passou muito rápido! Havia tanto para se ver, que o pinheirinho mal pensava em si próprio. O pátio dava para um jardim: as rosas, viçosas e perfumadas, pendiam de uma pequena treliça; as árvores estavam floridas e as andorinhas voavam e cantavam: “você voltou, meu amor, alegria que me deu...” – mas não se referiam ao pinheirinho.

“Agora, vou viver!”, ele pensou alegremente, estendendo num gesto largo todos os seus galhos. Mas, por Deus!, estavam todos murchos e amarelos. E assim o pinheirinho ficou, abandonado entre a urtiga e o capim. A estrela de ouropel, ainda amarrada, brilhava com a luz do sol.

No pátio, algumas crianças brincavam – as mesmas que, no Natal, tinham dançado em volta da árvore. Um garotinho apressou-se e arrancou a estrela. “Vejam o que restou preso a esta árvore velha e feia”, gritou o menino, pisando sobre os ramos secos, que estalavam sob os sapatos.

O pinheirinho olhou para o jardim, em todo o esplendor de suas cores; depois, olhou-se a si mesmo, e desejou que o tivessem deixado no canto escuro do sótão. Lembrou-se dos dias de juventude, na floresta; da maravilhosa noite de Natal; e dos ratinhos, que ouviram com tanta alegria a estória de João Bumbalalão.

“Agora é tarde! Tarde demais!”, lamentou a árvore. “Se ao menos eu tivesse sido mais feliz enquanto podia. Agora está tudo acabado.” Foi quando veio um criado e cortou-lhe em pequenos pedaços, formando um enorme feixe. Logo o fogo lambeu-lhe o lenho, queimando sob a caldeira. O pinheirinho soltava suspiros profundos e cada suspiro era como um tiro de revólver. As crianças que brincavam por ali vieram sentar-se em frente ao fogo e – mirando as chamas – gritavam: “Pá! Pá!” Mas, a cada explosão, que era na verdade um suspiro, a árvore pensava num dia de verão na floresta, ou numa noite estrelada de inverno. Pensava na véspera de Natal e no João Bumbalalão, a única história que tinha ouvido e que sabia contar. E então – o fogo o consumiu.

No jardim, as crianças brincavam e o caçula pregou no peito a estrela de ouropel que o pinheirinho tinha usado na noite mais feliz de sua vida.

A tardinha terminou – a árvore chegou ao fim – tudo acabou. E a estória também – terminada, acabada, como todas as outras.

Texto traduzido e adaptado por **Paulo de Andrade**, a partir do inglês e do francês.



HILAL SAMI HILAL. Instalação *Biblioteca* (detalhe), da mostra *Seu Sami* – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008. Foto: Paulo Lacerda.

Consumido todo o carvão; vazio o balde; sem sentido a pá; a estufa bafejando frio; o quarto inteiro atravessado por sopros de gelo; diante da janela as árvores rijas de geada; o céu um escudo de prata contra quem deseja o seu auxílio. Preciso de carvão; certamente não posso morrer congelado; atrás de mim a estufa impiedosa, à minha frente o céu igualmente sem pena, tenho portanto de cavalgar nítido entre os dois e no meio buscar a ajuda do carvoeiro. Mas ele já está insensível aos meus pedidos costumeiros; é necessário provar-lhe com precisão absoluta que já não tenho uma só migalha de carvão e que sendo assim ele significa para mim o próprio sol no firmamento. Devo chegar como o mendigo que estrebuchando de fome quer morrer na soleira da porta e a quem, por esse motivo, a cozinheira dos patrões resolve dar para beber a borra do último café; do mesmo modo o carvoeiro, furioso mas sob o raio de luz do mandamento “Não matarás!”, tem de atirar no meu balde uma pá cheia de carvão.

Já minha subida deve decidir o caso, por isso vou a cavalo no balde. Como cavaleiro do balde, ao alto a mão na alça – a mais simples das rédeas –, volto-me com dificuldade e desço a escada; mas embaixo meu balde sobe, soberbo, soberbo: camelos agachados no solo não se levantam tão belos estremecendo sob o bastão do cameleiro. Pela rua dura de gelo avança-se em trote regular; muitas vezes sou alçado à altura dos primeiros andares, não mergulho nunca até o nível da porta do prédio. E diante da abóbada do

depósito do carvoeiro paio extremamente alto enquanto ele bem lá embaixo escreve acororado junto à sua mesinha. Para deixar sair o calor excessivo ele abriu a porta.

– Carvoeiro! – brado com a voz cava e crestada pelo gelo, envolto nas nuvens de fumaça da respiração. – Por favor, carvoeiro, me dê um pouco de carvão. Meu balde já está tão vazio que posso cavalgar nele. Seja bom. Assim que puder eu pago.

O carvoeiro põe a mão no ouvido.

– Estou ouvindo bem? – ele pergunta por sobre os ombros para sua mulher que está tricotando no banco da estufa. – Estou ouvindo direito? Um freguês.

– Não estou ouvindo absolutamente nada – diz a mulher, inspirando e expirando tranqüila sobre as agulhas de tricô, as costas agradavelmente aquecidas.

– Oh, você ouve sim – eu brado – sou eu, um velho freguês, fiel e dedicado, só que no momento sem recursos.

– Mulher – diz o carvoeiro – é alguém, é alguém; tanto assim eu não posso me enganar; deve ser um freguês muito antigo que me fala desse modo ao coração.

– O que há com você, homem? – diz a mulher e repousando um instante comprime o trabalho manual no peito. – Não

FRANZ KAFKA

O CAVALEIRO DO BALDE

é ninguém, a rua está vazia, toda a nossa freguesia está servida, podemos fechar a loja durante dias e descansar.

– Mas eu estou sentado aqui em cima no balde – exclamo e lágrimas sem sentimento velam-me os olhos. – Por favor, olhem para cima, vão logo me descobrir; estou pedindo uma pá de carvão e se me derem duas vão me fazer muito, muito feliz. Todo o resto da freguesia aliás já está servido. Ah, se eu já ouvisse o carvão batendo no balde!

– Vou indo – diz o carvoeiro e com as pernas curtas quer subir a escada do porão, mas a mulher já está ao seu lado, segura-o pelo braço e diz:

– Você fica aqui. Se não parar de ser teimoso, subo eu. Lembre-se da sua tosse forte esta noite. Mas por um negócio, mesmo que seja imaginário, você abandona mulher e filho e sacrifica os seus pulmões. Eu vou.

– Mas então conte todos os tipos que temos no estoque; os preços eu grito depois para você.

– Está bem – diz a mulher e sobe para a rua.

Naturalmente ela não me vê logo:

– Senhora carvoeira! – exclamo. – Respeitosa saudação: só uma pá de carvão, bem aqui no balde; eu mesmo o levo

para casa; uma pá do pior carvão. Evidentemente pago tudo, mas não agora, não agora.

Como as duas palavras –não agora– parecem um som de sino e como elas se misturam perturbadoramente ao toque do anoitecer que se pode escutar da igreja vizinha!

– O que ele quer, então? – brada o carvoeiro.

– Nada – grita de volta a mulher. – Não é nada, não vejo nada, não ouço nada. O frio está medonho; amanhã provavelmente vamos ter ainda muito trabalho.

Ela não vê nem ouve nada, no entanto desamarra o cinto do avental e tenta me enxotar com ele. Infelizmente consegue. Meu balde tem todas as vantagens de um bom animal de corrida, mas não resistência; ele é leve demais; um avental de mulher tira-lhe as pernas do chão.

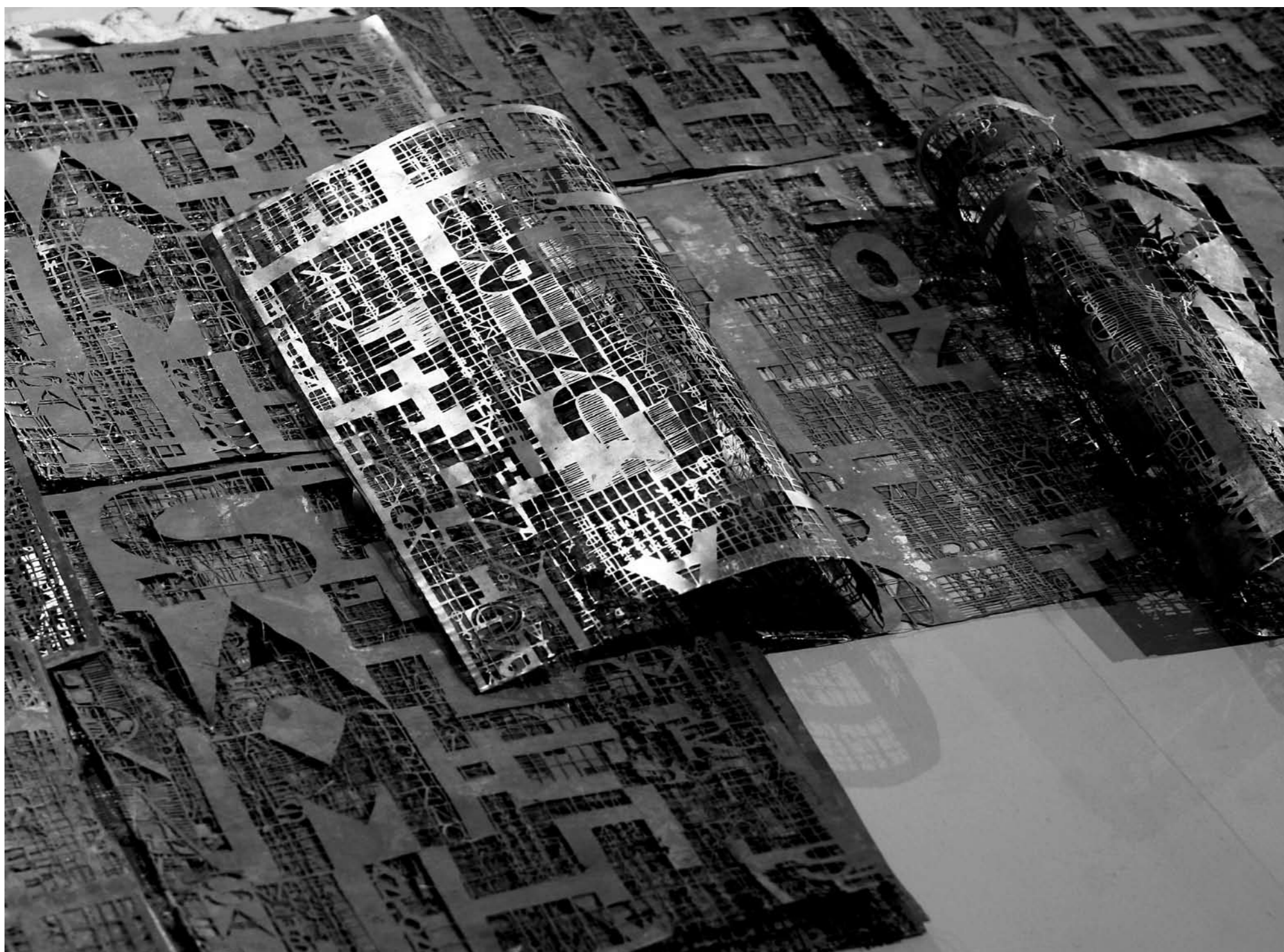
– Malvada! – brado ainda, enquanto ela, voltando-se para a loja, dá um tapa no ar, meio com desprezo, meio satisfeita. – Você é malvada! Pedi uma pá do pior carvão e você não me deu.

E com isso ascendo às regiões das montanhas geladas e me perco para nunca mais.

Tradução de **Modesto Carone**, publicada na *Folha de S.Paulo* em 22/10/1995.



HILAL SAMI HILAL. Instalação *Biblioteca* (detalhe), da mostra *Seu Sami* – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008. Foto: Paulo Lacerda.



HILAL SAMI HILAL. Instalação *Biblioteca* (detalhe), da mostra *Seu Sami* – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008. Foto: Paulo Lacerda.

Jodoigne, 25 de Dezembro de 1976

1 da manhã

Dia fora do usual entre os dias. Estou já na cama, com a luz apagada, impelida para a janela pelo ar que recebo; acabei de ler Hamman; sinto o meu corpo de criança, intacto, dentro do meu corpo de hoje; vejo-o dormindo tranquilamente, abraçado às suas sensações, e à sua própria fome de forma; a forma era encontrar a sua língua no ar, reconhecê-la, e depois torná-la inconscientemente destino dentro de mim; lembro-me da luz de duas lanternas que esta noite tinha o Al Parma e que foi o quadro que flui sobre o ser, e o pôs no seu caminho.

Não estou cansada, não estou excitada, estou lúcida lembrando-me da água fresca que cai num vaso e o faz doce e estimulante quando se põe a mão, ou se encosta a ele a face.

Leio Hamman – a natureza é um texto profético, diz ele.

A finalidade de ler não é guardar na memória. Eu esqueço-me do que leio mas encontro-me, ao cair da noite, com ele. O fundamento da minha leitura é a pergunta seguinte:

“Por quanto **tempo** lêis um pequeno período extenso?”

Por um segundo, um minuto, um ano, toda esta noite, ou toda esta vida? Ler estende-se pelo tempo e quer o espaço do dia-a-dia para projectar a sua sombra. Ler estende-se por vertentes desconhecidas, e eu leio pouco, mas infinitamente. Desses metais preciosos escolho um metal, e torno-o integralmente minha estrela.

Não estou cansada, nem excitada. Caminho com o meu pulso. Faço círculos com o coração, que vejo geometricamente vibrando dentro de mim.

Bach tinha um órgão que era constituído por livros. Despidos de sua encadernação, encarnação e folhas, só possibilidades harmónicas de leitura. Ecoava com tanto mistério que os seus alunos liam por ele o desconhecimento do dia seguinte. Ele sabia que sempre saberia ler, e que essa porta de cordas era a sua passagem sobre a profecia e a eternidade.

Não estou cansada, nem excitada. Estou calma, com a luz acesa. Estou calma comigo própria. Não sei o que será tocado a seguir, só sei que no silêncio o fragor da criança interior ao meu corpo domina; dormir bem é revesti-lo de azul – o vestido com cabeção branco que ele trazia.

Bach voou nu, e verificou que tinha braços. Quem voar para si encontrará, no fundo da ogiva, uma porta aberta. Voar para si é desaparecer na claridade da sua própria experiência.

Que mais quero ver,
se leio?

Nada é maior do que parar aqui.

Folha que desceste à minha alma, não regresstes para de onde vieste sem outra folha.

Extrato de *Finita – Diário 2*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005. p.131-133.

MARIA GABRIELA LLANSOL

FINITA [FRAGMENTO]

O BURRO E O BOI NO PRESÉPIO

[CATÁLOGO ESPARSO]

I

O milagre é um ponto
que combure
num centro na Noite,
uma luzinha, um riso.

De perfil, gris,
adiante (para que o Menino o veja),
o Burrinho.

O Boi ainda não se destacou
da mansa treva.

(Corregio: *Nascimento de Cristo*. Dresde, Gemaeldegalerie.)

VIII

A fábula de ouro, o viso, o
Céu que se abre,
chamaram-nos
de seu sono ou senso sem maldade.
Tão ricos de nada ser,
tão seus, somente.

Capazes de guardar
no exigido espaço
a para sempre grandeza
de um momento.
Com sua quieta ternura,
ambos, que contemplam?

Sabem.
Nada aprendem.

(Gentile da Fabriano: *Adoração dos Magos*. Florença, Uffizi.)

XI

Porque também meninos
eles lá estiveram
em vigília
no telheiro
da claridade de Deus.

O Burro, o Boizinho,
insemoventes.
Olham: quase choram.

O mundo é mendigo.

(Schongauer: *A Natividade*. Munique,
Pinacoteca.)

XII

Por que zurra para o alto o Burro:
num pedido doloroso?
Por que se abaixa o Boi, opaco,
tão humilde, tão grande?

Nus fantasmas que a luz abduz.

Nus como Jesus
posto entre húmus e plantas,
num canteiro.

(Piero della Francesca: *A Natividade*. Londres,
National Gallery.)

XIV

Quase sempre o milagre é transparente.

E os dois animaizinhos
que Deus benze,
dignos de
um urgir de auge;
detidos
no limiar de
luz
esvaziadora.

(Benozzo Gózzoli: *Madona della Cintola*.
Roma, Pinacoteca Vaticana.)

XXII

Parelhos
bichos de trabalho,
onde tudo é estarecida oração
e alarmado prestígio:
morte e aurora.

Não vigiam o Céu.
Aguardam
um futuro sem passado.

Sua sólita presença
talvez fosse necessária.

(Sano di Pietro: *O nascimento de Jesus*.
Roma, Pinacoteca Vaticana.)

XXVI

O rubro Boi –
roupa e sangue; e terra.

O Burro, atrás, através,
enigma de cerne e de betume.

Domésticos, não extáticos
protagonistas,
duendes da solidão.

Burro e Boi em sono e sonho
– *glorificantes, et laudantes*

DEUM...

(Martin Schongauer: *Nascimento de Cristo*.
Munique, Pinacoteca.)

NOITE DE NATAAL

“O Natal, o Natal... Ah, não! Não comemoro mais!” Dizia o gordo Henri Templier, com uma

voz furiosa, como se lhe houvessem proposto uma infâmia. Os outros, rindo, escreveram: “Por que você se enfurece tanto?” Ele respondeu: “Porque o Natal me pregou a pior peça do mundo, e então guardei um insuperável horror por essa noite estúpida de alegria imbecil.”

– Mas o que aconteceu?

– O quê? Querem mesmo saber? Então escutem:

Vocês devem lembrar como fazia frio – lá se vão dois anos! – naquela época; um frio de matar os pobres nas ruas. O Sena gelava, as calçadas congelavam os pés através das solas das botas; o mundo parecia estar a ponto de acabar.

Eu tinha um enorme trabalho em andamento e recusei todos os convites para a ceia de Natal, preferindo passar a noite diante de uma escrivaninha. Jantei sozinho, e pus mãos

à obra. Mas eis que, por volta das dez horas, a idéia da alegria que atravessava Paris, o barulho que chegava das ruas apesar de tudo, os preparativos da ceia dos vizinhos, ouvidos através das paredes, me agitaram. Eu não sabia mais o que fazia; escrevia bobagens; e compreendi que era preciso renunciar à esperança de produzir qualquer coisa de bom naquela noite.

Caminhei um pouco pelo quarto. Sentei, e me levantei em seguida. Eu sofria, com certeza, a misteriosa influência da alegria lá de fora, e me resignei.

Chamei a empregada e lhe disse: “Ângela, vá comprar um jantar para dois: ostras, um filhote de perdiz frio, lagostins, presunto e doces. Traga-me duas garrafas de champanhe: ponha a mesa e pode deitar-se.”

Ela obedeceu, um pouco surpresa. Quando tudo ficou pronto, coloquei meu sobretudo, e saí.

Ainda havia uma séria questão a resolver: com quem eu iria ceiar? Minhas amigas receberam convites de toda parte. Para ter a companhia de uma delas, teria sido preciso antecedência. Então pensei em fazer, ao mesmo tempo, uma boa ação. Eu me disse: Paris é cheia de pobres e belas moças que não têm uma sopa à mesa, e que perambulam à procura de um rapaz generoso. Quero ser a Providência de Natal de uma dessas deserdadas.

Vou dar uma volta, entrar nos bordéis, perguntar, caçar, escolher a meu bel prazer.

E me pus a percorrer a cidade.

Encontrei, certamente, muitas moças pobres procurando aventuras, mas elas eram tão feias que poderiam causar uma indigestão, ou tão magras que se congelariam em pé, caso parassem por um instante.

Tenho uma fraqueza, vocês sabem, adoro as mulheres bem nutridas. Mais elas são providas de carnes, mais eu as prefiro. Uma gorducha me faz perder a razão.

De repente, diante do Teatro de Variedades, vi um perfil do meu agrado. Primeiro, a cabeça, depois, na dianteira, duas batatas: a do busto, muito bonita, e, abaixo, a outra, surpreendente – uma barriga de gansa gorda. Arrepiei-me todo e disse baixinho: “U-lá-lá, que pitéu!” Só faltava conferir uma coisa: o rosto.

O rosto é a sobremesa; o resto... é o assado.

Avancei o passo, alcancei aquela mulher errante, e, sob um cano de gás, voltei-me bruscamente. Ela era charmosa, bem jovem, morena, de grandes olhos negros.

Fiz minha proposta e ela aceitou sem hesitar.

Quinze minutos depois, estávamos sentados à mesa em meu apartamento.

Ao entrar, ela disse: “Ah, como é agradável aqui.”

E ela olhou em torno com nítida satisfação de encontrar uma mesa e um abrigo naquela noite glacial. Ela era maravilhosa, tão linda que eu me espantava, e rechonchuda a ponto de arrebatá-lo meu coração para todo o sempre.

Ela arrancou seu casaco, seu chapéu, sentou-se e se pôs a comer; mas ela não parecia estar bem, e às vezes sua figura um pouco pálida tremia como se ela sofresse de algum mal secreto.

Perguntei: “Algo está te aborrecendo?”

Ela respondeu: “Nada... Vamos esquecer tudo.”

E começou a beber. Esvaziava sua taça de champanhe de um só gole, voltava a enchê-la e esvaziava novamente, sem parar.

Logo um pouco de cor lhe veio às faces; e ela começou a rir.

Eu – eu já a adorava, beijando-a na boca, dando-me conta de que ela não era nem boba, nem comum, nem grosseira, como as moças da calçada. Perguntei-lhe detalhes de sua vida. Ela respondeu: “Meu querido, isso não te interessa!”

Infelizmente! uma hora depois...

Enfim veio o momento de ir para a cama, e, enquanto eu retirava a mesa diante da lareira, ela já foi se despindo e deslizou sob a coberta.

Meus vizinhos faziam uma algazarra horrível, rindo e cantando como loucos; e eu me dizia: “Acertei mesmo em cheio ao procurar essa linda morena; eu nunca ia conseguir trabalhar.”

Um gemido profundo me fez retornar. Perguntei: “O que você tem, minha gata?” Ela não respondeu, mas continuava a emitir suspiros dolorosos, como se sofresse terrivelmente.

Insisti: “Você está indisposta?” E de repente ela soltou um grito, um grito dilacerante. Precipitei-me ao quarto, vela à mão.

Seu rosto estava desfigurado pela dor, e ela torcia as mãos, arquejante, emitindo do fundo da garganta essa espécie de gemido surdo como um estertor, que faz minguar o coração.

Perguntei, aturdido: “O que você tem? Diga-me, o que há?”

Ela não respondeu, e começou a urrar.

Nesse exato instante, os vizinhos se calaram, escutando o que se passava em meu apartamento.

Eu repetia: “Onde dói, diga-me, onde dói?”

Ela balbuciou: “Minha barriga! Ai, minha barriga!” Na mesma hora, puxei a coberta, e vi...

Ela dava à luz, meus amigos.

Então perdi a cabeça; lancei-me contra a parede, esmurrando-a com toda a minha força, e gritando: “Socorro, socorro!”

A porta se abriu; uma multidão tomou de assalto meu apartamento, homens de traje, mulheres com vestidos decotados, pierrôs, turcos, mosqueteiros. Essa invasão me perturbou de tal forma que eu não conseguia sequer me explicar.

Eles – eles acreditavam em algum tipo de acidente, um crime talvez, e não entendiam nada.

Enfim, eu disse: “É... é... essa mulher que... está parindo.”

Então todos a examinaram, emitiram opiniões. Um capucho, sobretudo, dizia entender do assunto, e queria ajudar a natureza.

Eles estavam bêbados como gambás. Pensei que fossem matá-la; e corri, cabeça nua, pelas escadas, para procurar um velho médico que morava em uma rua vizinha.

Quando voltei com o médico, minha casa estava de pernas para o ar: haviam religado o gás da escada; os moradores de todos os andares circulavam em meu apartamento; quatro homens, fantasiados de lenhadores e sentados à mesa, davam fim a meu champanhe e meus lagostins.

De repente, um grito impressionante explodiu, e uma leiteira apresentou-me em uma toalha um horroroso pedacinho de carne, enrugado, amassado, gemendo, miando como um gato; e ela me disse: “É uma menina.”

O médico examinou a mulher, declarou seu estado incerto, já que tudo ocorrera imediatamente após um jantar, e partiu anunciando que enviaria logo em seguida uma enfermeira e uma ama de leite.

As duas mulheres chegaram uma hora depois, trazendo um pacote de remédios.

Passei a noite em uma poltrona, por demais atordoado para refletir sobre os fatos.

De manhã, o médico voltou. Achou a doente muito mal. Disse-me: “Sua esposa, senhor...”

Eu o interrompi: “Não é minha esposa.”

Ele continuou: “Sua amante, pouco importa.” E enumerou os cuidados necessários, o regime, os remédios.

O que fazer? Enviar aquela infeliz ao hospital? Eu passaria por um cafajeste no prédio inteiro, e no quarteirão.

Fiquei com ela. Permaneceu em minha cama por seis semanas.

A criança? Eu a enviei a camponeses de Poissy. Ela ainda me custa cinquenta francos por mês. Já que paguei no início, aqui estou eu forçado a pagar até a morte.

E, mais tarde, ela pensará que sou seu pai.

Mas, como a desgraça nunca é pouca, quando a mulher se curou... ela caiu de amores por mim... estava perdidamente apaixonada, a miserável!

– E então?

– E então, ela emagreceu, tornou-se magra como um gato de calha; e eu chutei para fora aquela carcaça que hoje me espreita nas ruas, esconde-se para me ver passar, aborda-me à noite, quando saio, para me beijar a mão, enfim, atazana-me a ponto de me enlouquecer.

Por isso não celebro mais a noite de Natal.

26 de dezembro de 1882

Texto traduzido do francês por Paulo de Andrade e extraído de *Mademoiselle Fifi (Nouveaux Contes)*. Paris, Gallimard.

Para isso fomos feitos:

Para lembrar e ser lembrados

Para chorar e fazer chorar

Para enterrar os nossos mortos —

Por isso temos braços longos para os adeuses

Mãos para colher o que foi dado

Dedos para cavar a terra.

Assim será nossa vida:

Uma tarde sempre a esquecer

Uma estrela a se apagar na treva

Um caminho entre dois túmulos —

Por isso precisamos velar

Falar baixo, pisar leve, ver

A noite dormir em silêncio.

Não há muito o que dizer:

Uma canção sobre um berço

Um verso, talvez de amor

Uma prece por quem se vai —

Mas que essa hora não esqueça

E por ela os nossos corações

Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:

Para a esperança no milagre

Para a participação da poesia

Para ver a face da morte —

De repente nunca mais esperamos...

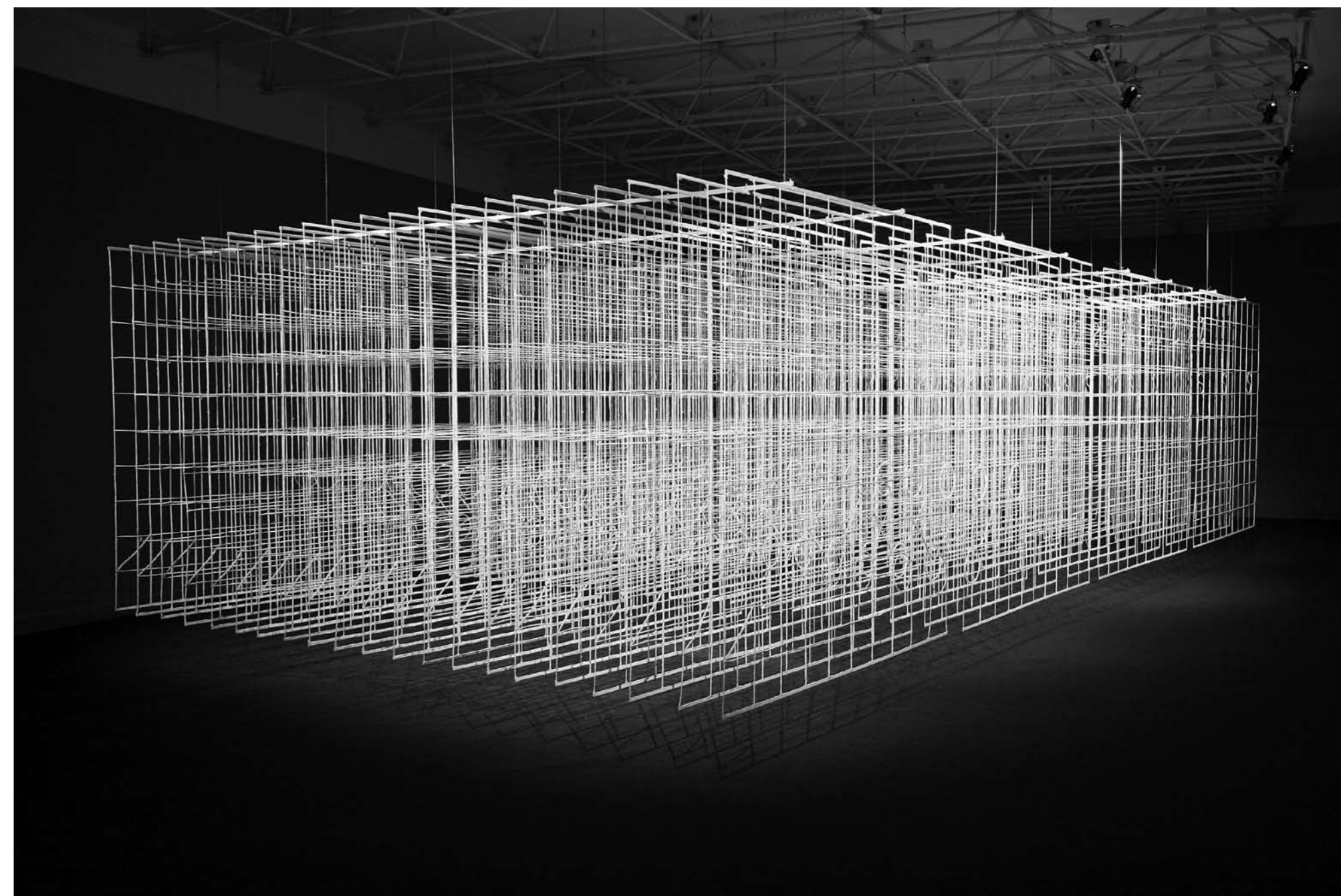
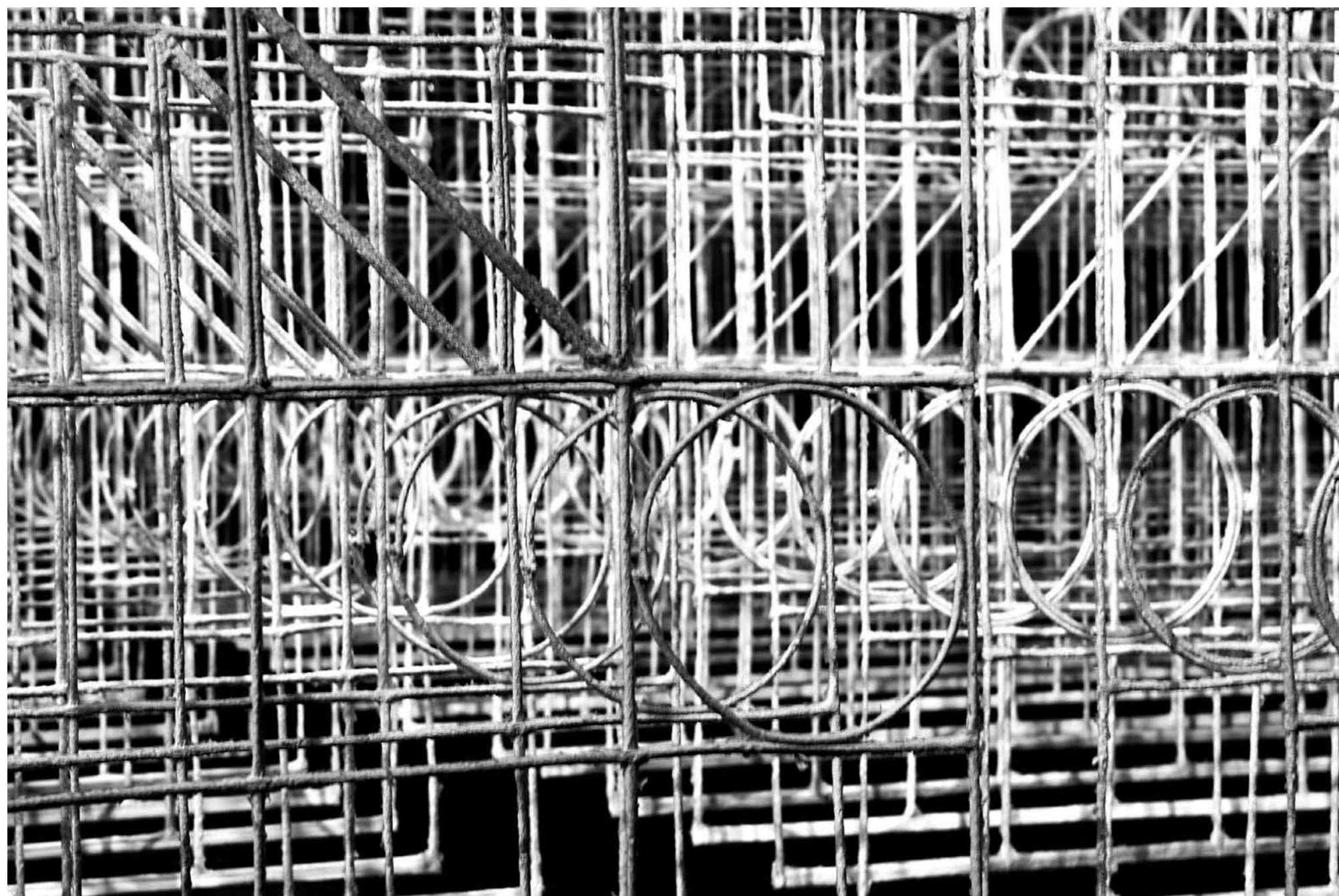
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas

Nascemos, imensamente.

VINICIUS DE MORAES

POEMA DE NATAL

[www.viniciusdemoraes.com.br]



Instalação e detalhe da exposição *Seu Sami* – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008. Fotos: Paulo Lacerda.

GLOBO
HILAL SAMI HILAL

Vanka Jukov, um menino de nove anos que havia três meses trabalhava como aprendiz na oficina do sapateiro Aliakhine, não foi dormir à hora do costume naquela véspera de Natal. Esperou que o patrão, a patroa e os empregados saíssem para o ofício religioso, e quando se viu só, tirou do armário um boiãozinho de tinta e uma caneta de pena enferrujada; em seguida desdobrou uma folha amarrotada de papel e se dispôs a escrever.

Antes, porém, de rabiscar a primeira letra, espiou medrosamente para a porta e para a janela, olhou várias vezes para o ícone sombrio colocado entre prateleiras cheias de fômas de sapatos e deu um suspiro de cortar coração. Ajoelhado ao pé de um banco improvisado em mesa, Vanka principiou:

“Querido vovô Constantin Makaritch, estou lhe escrevendo uma carta. Desejo a você um feliz Natal e todas as felicidades. Não tenho papai nem mamãe, você é tudo que me resta no mundo.”

Vanka lançou um olhar à janela, em cuja vidraça brilhava o reflexo da vela, e na sua mente se desenhou nitidamente a figura do avô, vigia noturno da propriedade dos Jivarev. Era um velho de 65 anos, baixo, magro, de uma vivacidade fora do comum, com um constante sorriso nos olhinhos reimosos. Durante o dia deixava-se ficar na cozinha, dormindo ou caçoando com as criadas. De noite, metido num amplo capote de pele de carneiro, rondava as terras batendo a matraca. Atrás dele vão, de cabeça pendida, Kashtanka, a velha cadela, e Viune, assim chamado por causa do pêlo

negro e corpo alongado, à semelhança de um caboz. Viune é um cão de excelentes maneiras, muito afetuoso, tendo para com estranhos o mesmo ar de bondade que dá aos donos. Mas não há que fiar do sonso: aquela deferência, aquele ar simpático escondem a malícia mais inquisitorial. Nenhum outro mais sabido em se chegar disfarçadamente para junto de uma pessoa e ferrar-lhe os dentes na perna, ou esgueirar-se na dispensa, ou abocanhar o frango de um mujiue. Mais de uma feita quase lhe quebraram as pernas traseiras, duas vezes escapou de ser esganado e não havia semana em que não levasse uma surra, mas disso tudo sarava.

Certo aquela hora, pensava o menino, estava o avô ao portão, piscando os olhos para os janelões brilhantemente iluminados da igreja da aldeia, batendo com os pés calçados em botas de feltro, pilheriando com um e com outro; pendurada a matraca do cinturão, estará esfregando as mãos para aquecer-se, tossindo uma tossezinha de velho, e de vez em quando beliscando uma cozinheira ou uma arrumadeira.

– Uma pitada de rapé? – pergunta, estendendo a tabaqueira às mulheres. Estas tomam uma pitada e espirram.

O velho fica radiante, cai na gargalhada e grita:

– Assoa-te, assoa-te, senão teu nariz vai gelar!

Dá também rapé aos cães. Kashtanka espirra, torce o focinho e afasta-se muito ofendida. Viune polidamente recusa, e

agita a cauda. O tempo está uma beleza, limpo e glacial; a noite, escura, mas toda a aldeia é visível, com os seus telhados, as chaminés donde se escapa a fumaça, as árvores prateadas pela geada, a neve amontoada pelo vento. O céu todo estrelado cintila, e a Via Láctea se desenha tão clara como se tivesse sido polida especialmente para as festas de Natal...

Vanka dá um suspiro, mergulha a pena na tinta e continua a escrever:

“A noite passada levei uma surra, o patrão me arrastou pelos cabelos para fora de casa e me bateu com uma correia, só porque eu peguei no sono quando estava balançando o berço do menino. Esta semana a patroa me mandou escamar um arenque e como eu comecei pela cauda, ela foi e esfregou a cabeça do arenque na minha cara. Os ajudantes do patrão vivem me atormentando, me mandam comprar vodca, me obrigam a furtar os pepinos do patrão e depois o patrão me surra com o que tem à mão. Quase não vejo comida, de manhã é pão, no almoço papa de aveia, no jantar pão outra vez, pois chá e sopa de couve é só para os patrões. Me botam para dormir no corredor e quando o menino chora de noite, eu tenho que ficar balançando o berço e não durmo nada. Querido Vovô, pelo amor de Deus, me tire daqui, me tire daqui senão eu morro...”

Descaem-lhe os cantos da boca, Vanka esfrega os olhos com a mãozinha suja e soluça.

“Eu preparo o rapé pra você”, continuou, “rezo por você e se eu não andar direito, pode me bater à vontade. Se não houver ocupação pra mim, eu peço ao administrador pelo amor de Deus que me ponha pra limpar as botas ou substituir Fedia no trabalho de ajudar a vigiar o gado. Meu querido Vovô, não agüento mais aqui, eu morro... Tenho vontade de fugir para a nossa aldeia, mas estou sem botinas e tenho medo de ficar com os pés gelados. E quando eu for homem, hei de cuidar de você, não deixo que ninguém bula com você, e quando você morrer, rezo por você como faço por Mamãe Pelágia.

“Moscou é uma cidade muito grande, todas as casas são de gente rica, tem muitos cavalos, carneiros não, e os cachorros não mordem a gente. Na noite de Natal os meninos não andam de porta em porta com uma estrela, ninguém pode cantar no coro, e uma vez eu vi na vitrina de uma loja anzóis, linhas e varas de pescar, tudo pra vender, e pra toda espécie de peixe, muito barato. Tinha um anzol que com ele se pode pescar um peixe pesando meio quilo! E tem também lojas com espingardas, como as do barine aí, estou certo que custa cem rublos cada uma. Nos açougues se vende galinhas, perdizes e lebres, mas o açougueiro não diz quem foi que caçou nem donde elas vêm.

“Meu querido Vovô, quando os seus patrões armarem aí a árvore de Natal, tire uma noz dourada pra mim e guarde na caixinha verde. Peça a Olga Ignatievna, diga que é para Vanka.”

ANTON TCHEKOV

VANKA

Aqui Vanka suspirou convulsivamente e de novo fitou os olhos na janela. Recordou que o avô era quem ia todos os anos cortar na floresta a árvore de Natal, e levava sempre o neto. Bom tempo aquele! A geada estalava, o avô estalava, Vanka fazia como eles, estalava também. Antes de abater a árvore, o avô fumava a sua cachimbada, aspirava uma longa pitada de rapé e zombava de Vanka transido de frio... Os abetoziños, cobertos de geada, esperavam imóveis: qual deles iria morrer? De repente uma lebre, saltando não se sabe de onde, disparava pela neve afora... O avô não se continha e gritava:

“Pega! Pega! Pega! Ah! demônio cotó!”

Cortada a árvore, o avô arrastava-a para a casa do patrão, e ali então principiavam a enfeitá-la. Olga Ignatievna, a patroa, moça e bonita, grande amiga de Vanka, era quem mais se despachava. Quando Pelágia, a mãe de Vanka, era viva e trabalhava como arrumadeira, Olga Ignatievna empanturrava-o de bombons, e como não tinha o que fazer, ensinava-o a ler, escrever, contar até cem e mesmo a dançar a quadrilha. Depois da morte de Pelágia, Vanka passou a ficar com o avô na cozinha, e da cozinha foi mandado para a casa do sapa-teiro Aliakhine, em Moscou.

“Venha depressa, meu querido vovô”, continuou a escrever, “lhe peço por amor de Deus me tire daqui. Tenha compaixão de um pobre órfão, pois aqui todos me batem, passo fome, uma fome terrível, e vivo tão aborrecido que choro o tem-

po todo. Outro dia o patrão me quebrou a cabeça com uma fôrma; caí no chão e não sei como não morri. Minha vida é uma desgraça, pior que de cachorro... Lembranças a Aliona, ao Caolho, ao cocheiro, e olhe, não empreste a minha sanfona a ninguém. Do neto que lhe quer muito bem, Ivan Jukov, querido vovô, por favor, venha me buscar.”

Vanka dobrou a folha de papel em quatro, meteu-a no envelope, comprado por um copeque na noite anterior, depois refletiu um pouco, mergulhou a pena na tinta e escreveu o endereço: “A meu avô, na aldeia.” Coçou a cabeça, refletiu de novo e acrescentou o nome do avô: “Constantin Makaritch.” Satisfeito de ter podido escrever sua carta, enfiou o gorro na cabeça e, sem vestir o casaco de pele, correu para a rua em mangas de camisa.

O açougueiro, a quem consultara na véspera, lhe tinha dito que as cartas se punham nas caixas de coleta, donde depois eram enviadas para toda parte em troikas do correio dirigidas por postilhões bêbados, ao som das campanhias. Vanka correu à caixa de coleta mais próxima e introduziu na fenda a preciosa carta.

Uma hora depois, embalado pela esperança, dormia a sono solto. Em sonho via um fogão, junto ao fogão o avô sentado, de pés descalços e pernas pendentes, lendo uma carta para as cozinheiras... E andando ao redor do fogão, batendo a cauda, Viune...

(1886)

Traduzido por Manuel Bandeira. *Contos russos*. (Os clássicos). Coordenação de Rubem Braga. Supervisão de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p.248-251.



HILAL SAMI HILAL. Instalação *Biblioteca* (detalhe), da mostra *Seu Sami* – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008. Foto: Paulo Lacerda.

O GUARDADOR DE REBANHOS

VIII

Num meio-dia de fim de Primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.
Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu tudo era falso, tudo em desacordo

Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem
E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas –
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque nem era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E que nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir
E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o Sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam

E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas.
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe nada
Das cousas que criou –
“Se é que ele as criou, do que duvido.” –
“Ele diz por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres.”
E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

●
Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural.
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.

E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,

21 DE DEZEMBRO DE 1968

E é por que ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontado.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo o universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens
E ele sorri porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade

Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do Sol
A variar os montes e os vales
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.

Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.



Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.



Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há-de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

Poema extraído de **Fernando Pessoa: Obra poética**. Organização de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p.209-212.

ANUNCIAÇÃO

Tenho em casa uma pintura do italiano Savelli – depois compreendi muito bem quando soube que ele fora convidado para fazer vitrais no Vaticano.

Por mais que olhe o quadro não me canso dele. Pelo contrário, ele me renova.

Nele, Maria está sentada perto de uma janela e vê-se pelo volume de seu ventre que está grávida. O arcanjo, de pé ao seu lado, olha-a. E ela, como se mal suportasse o que lhe fora anunciado como destino seu e destino para a humanidade futura através dela, Maria aperta a garganta com a mão, em surpresa e angústia.

O anjo, que veio pela janela, é quase humano: só suas longas asas é que lembram que ele pode se transladar sem ser pelos pés. As asas são muito humanas: carnudas, e seu rosto é o rosto de um homem.

É a mais bela e cruciante verdade do mundo.

Cada ser humano recebe a anunciação: e, grávido de alma, leva a mão à garganta em susto e angústia. Como se houvesse para cada um, em algum momento da vida, a anunciação de que há uma missão a cumprir.

A missão não é leve: cada homem é responsável pelo mundo inteiro.

A VIRGEM EM TODAS AS MULHERES

Toda mulher, ao saber que está grávida, leva a mão à garganta: ela sabe que dará à luz um ser que seguirá forçosamente o caminho de Cristo, caindo na sua via muitas vezes sob o peso da cruz. Não há como escapar.

ELE SERIA ALEGRE

Cristo seria alegre se não precisasse mostrar ao mundo a dor do mundo: como homem era um ser perfeito e por isso teria alegrias perfeitas.

A HUMILDADE DE SÃO JOSÉ

São José é o símbolo da humildade. Ele sabia que não era o pai da Criança e cuidava da Virgem grávida como se ele a tivesse germinado.

São José é a bondade humana. É o auto-apagamento no grande momento histórico. Ele é o que vela pela humanidade.

MEU NATAL

Como as crianças eram pequenas e não conseguiriam se manter acordadas para uma ceia, ficou como hábito que o Natal seria comemorado não à meia-noite, mas sim no almoço do dia seguinte. Depois os meninos cresceram, mas o hábito ficou. E é no dia 25 pela manhã que vêm os presentes.

Pelo fato da ceia de Natal ser no dia 25, eu fiquei sempre livre na noite do dia 24 de dezembro. Mas há três ou quatro anos tenho um compromisso sagrado para a noite de 24.

É que, falando com uma moça que não era ainda minha amiga mas hoje é, e muito cara, perguntei-lhe o que ia fazer na noite de Natal, com quem ia passar. Ela respondeu simplesmente: o que eu tenho feito todos os anos: tomo umas pílulas que me fazem dormir 48 horas. Surpreendi-me, assustada, perguntei-lhe por quê. É que o tempo de Natal lhe era muito doloroso, pois perdera pai e mãe, se não me engano perto de um Natal, e não suportava passá-lo sem eles. Fiz-lhe antes ver o perigo de tais pílulas: podia, em vez de 48 horas, dormir para sempre.

E tive uma idéia: daquele Natal em diante, nós passaríamos parte da noite de 24 juntas, jantando num restaurante. Encontrar-nos-íamos às oito e pouco da noite, ela veria como os restaurantes estão cheios de pessoas que não têm lar ou ambiente de lar para passar o Natal e o celebram alegremente na rua. Depois do jantar, ela me deixa em casa com o seu carro, e vai para casa buscar a tia para irem à Missa do Galo. Nós combinamos que cada uma paga a sua parte no jantar e que trocaremos presentes: o presente é a presença de uma para a outra.

Mas houve um Natal em que minha amiga quebrou a combinação e, sabendo-me não religiosa, deu-me um missal. Abri-o, e nele ela escrevera: reze por mim.

No ano seguinte, em setembro, houve o incêndio em meu quarto, incêndio que me atingiu tão gravemente que fiquei alguns dias entre vida e morte. Meu quarto foi inteiramente queimado: o estuque das paredes e do teto caiu, os móveis foram reduzidos a pó, e os livros também.

Não tento sequer explicar o que aconteceu: tudo se queimou, mas o missal ficou intacto, apenas com um leve chamuscado na capa.

Crônicas extraídas de *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p.158-159.

ESCRITURA

Ainda que exaurindo
imaginários, jamais
desvelarei a Origem.
Contudo a minha
alma se alimenta da
Palavra.

Houve o céu e a terra. Houve oceanos e montanhas, noites e manhãs. Peixes, aves e ervas verdes se multiplicaram sob o sol e a lua. Depois do sexto dia, presidindo a tudo – mesmo os animais os mais selvagens – houve o homem e a mulher.

Não me pergunte desde quando tudo houve. Eu não estava lá. Sei apenas sopros dessa história. Sim, todas as horas são poucas, toda distância é pequena, todo calendário é insuficiente para medir o eterno.

Ah! O eterno é o sempre. Não tem nós de nascimentos ou embaraços de mortes. E o pensamento, este é terreno demais para decifrar intenso mistério.

MARIA

Eram quatro as três-marias do firmamento. Por ato dos céus a primeira estrela desceu ao mundo sem perder contudo a claridade das constelações.

E sob túnica de transparência e luz, Maria sobressaltou a terra ao deitar amor por sobre as pedras, animais, vegetações. Seus gestos a tudo vestiam de celeste seda, enquanto filtrada em ternura e música era a sua voz. No silêncio Maria segredava assuntos aos rios, crepúsculos, brisas. E seus olhos conheciam viagens para além das nuvens, cristais e milagres.

Sem se inquietar, face aos prodígios da criação, Maria bendizia os secos desertos, os cursados mares, as aturdiadas veredas. Despida de tormentos face aos mistérios, Maria cumpria o seu presente sem se perder em dúvidas e futuros.

Há suspeitas de que Maria, ainda menina, aprendera a ler no livro de Ana. Ela repousava sobre os joelhos os cânticos, e a filha entoava, sem esforço, a escritura:

“Exulta o meu coração no Senhor; nele se eleva a minha força”.

E dizem que bastava Ana pensar para que Maria tudo soubesse, divinamente.

JOSÉ

Antes da madrugada, quando tudo – casa, árvore, memória – flutua entre poeira de neblina, prata e frio, José se

enveredava pela floresta para o corte da madeira. Ao ritmo do cajado e das sandálias, entre ruídos de outono e gravetos, seu espírito vinha se debruçar em seus lábios e resmungar matinas. Preces que atravessando pássaros acordavam cores no sono do horizonte. José despertava o mundo.

Se resinas escorregavam das achas, cantando aromas, José verdejava em orações. Se fibras do lenho insinuavam desenhos de planícies e distâncias, ele se detinha para melhor conter o encantamento. E ao contemplar as mãos ásperas pelo martelo, plaina, goiva, José se via forte para servir em trabalho.

Assim manso, a paz rabiscava em seu rosto breves rugas em doçura e fortaleza. Ungido pelo suor, José se recolhia em solitário silêncio para melhor adotar o destino.

Um dia, enquanto repousava entre sombra e cansaço, pousou-lhe na mão, trazida sem acaso, uma semente grávida – ventre com fruto e futuro. José, ao se refazer do anúncio, soube haver um pai anterior a todo nascimento. Nesse meio-dia brotou em seu cajado um ramo de lírios, quase que preludiando posteriores admirações.

ALIANÇA

Não sei se fazia abril ou se vivia a primavera nas terras de Nazaré. Não me lembro de guirlandas, de damas ou de anéis abrindo singular cortejo. Não soube de sinos ou palmas, de flores ou suas pétalas pelas ruas e vielas.

Mas houve José e Maria seguidos por Isabel, Zacarias, e outros tantos da casa de Davi. Maria por sobre a cabeça jogara alvo tecido, contornando sábio sorriso de quem adivinha o advir. Coroando seus pensamentos pairava um aro de rosas, sem espinhos, naquelas três horas da tarde.

Dos passos do carpinteiro exalavam firmes saberes. Na mão direita o cajado – sentinela, espada, apoio – coberto de muitos lírios, de onde o vento roubava perfume para toda a aldeia.

Entre o suave silêncio, entremeados de festas e encontro, um arco-íris percorria a curva toda do céu. Itinerário em cores, herança de água e luz, amarrando o eterno ao finito.

E por translúcido o dia, olhar algum penetrava para depois do azul. Entendimento algum alcançava o Reino, com

santos, anjos, profetas, que testemunhavam a promessa que nesse enlace se cumpria.

ESPOSA

Depois de tosquiar ovelhas, em tempo certo, com gosto de quem penteia nuvens, Maria fiava a lã. Entre águas e corretezas ela alvejava os fios, perseguindo brancuras para o tear. Nessas horas os peixes nadavam laçadas e pontos ensinando à mulher a arte das tramas e redes. E Maria brincava de aprender para não desapontá-los. Por vezes alguns peixes fugiam fundo, trazendo limos de estranhos verdes, sugerindo à tecelã novos tons para vestes e mantos. Mas eram os pássaros que sustentavam os fios nos ares para secar.

Assim, andorinhas bordavam, com sobras provisórias, provisórios motivos pelas margens de águas e espelhos. E Maria se deixava invadir pelos encantos do mundo, sem pressa.

Com silêncio, ela se ocupava dos afazeres da cozinha. O crepitar do fogo, o barulho das fervuras, o ruído do trigo no monjolo, somados ao som dos temperos amassados no almofariz, se organizavam em melodia, oferecendo encanto à alma.

E para os amigos que por ali rompiam, a casa de José e Maria a todos acolhia, pelo que nela havia apenas de essencial: sobre a mesa, uma bilha suando sede ao lado de um vaso de amaranto; um par de cadeiras com almofada e encosto; longo banco para pequenos descansos. Assim, o resto do vazio era preenchido por intenso e respirável azul.

Maria, por vezes, vagava. E para não deixar sem resposta a intuição, ela se punha a contornar, com finas agulhas, pequenas flautas, flores, frutos, guardando-os em arca esculpida pelo marido, sem perguntas.

ESPOSO

Seu ofício cheirava a sândalo, cerejeira, sassafrás. O aroma da madeira serrada, ao invadir o pequeno cômodo, transpunha janela e porta para se infiltrar como incenso nos céus, traçando destino novo para as nuvens.

Por vezes, gotas de suor caindo sobre as tábuas, batiavam com sal as arcas, catres, oratórios. E das fitas, resto da madeira lavrada, José fazia arder um lume brando, con-

sumando a felicidade. Aquecendo delicados instrumentos o artesão traçava nas bordas das mobílias breves arabescos, entremeados de luas em tantas fases, flores em tantos ciclos, estrelas em tantas grandezas.

Quando os cravos se faziam necessários para travar resistências às cruces, era propício buscar na fé uma coragem maior. E ao assistir o rompimento da madeira, cedendo-se à passagem dos pregos, abriam-se chagas também no coração do artesão, e seus gestos pareciam cruéis.

No abandono de certas tardes – entre fadigas e propósitos – a infância visitava o homem. Esculpindo pequenos pastores e rebanhos, modelando jumentos e bois, o carpinteiro videnciava menino correndo entre as lidas do dia, brincando sob sombra de oliveiras, sem pranto.

ANUNCIAÇÃO

Nas tardes o universo ganha em sossego. A paz permeia a alma e a tristeza é tom menor. O pensamento resta atento a revelações e o espírito mais disposto aos mistérios. Assim, o milagre se torna viável.

Silenciada pela poeira do crepúsculo, surpreendida pelos jacintos em florações, Maria deslindava sinais. Ela guardou o frio do corpo sob o manto, deixando o coração aventurar-se em vasto céu. Despojada de desejos, isenta de vontade, a Mulher abriu a emoção para os sigilos. E definitivamente livre, Maria se fez serva.

Vindo pelos ventos do oriente – desafiando ares e cores, seduzindo o canto das cigarras, animando as andorinhas para as rezas, prolongando o dia nos ninhos dos bem-te-vis – voava o arcanjo em asas claras, pelo luminoso entardecer. Sementes, raízes, frutos, interromperam o crescimento, sem espantos.

– Não pertence a essas terras mensageiro em tamanha plenitude, ou Maria.

E Gabriel, anjo das notícias, enviado do eterno, dirigiu-se a Ela e anunciou:

– Ave, Maria cheia de graça. Darás à luz um filho chamado Jesus.

Seduzida pelo recado do céu, fertilizada pela palavra, a Senhora se trancou em festas. E o sol, iluminando do poente

essa anunciação, projetou a sombra de Gabriel por sobre a terra. O que era santo e asa, no chão era sombra e cruz. O futuro doeu na alegria da Mãe. Maria, que aprendera a decifrar os sinais no livro de Ana, leu em sombras sinuosas o caminho do calvário.

VIAGEM

Antes do amanhecer eles tomaram a via de Jerusalém. Atrás da única colina ficou Nazaré árida, dormindo sem sonhos, na quase madrugada. O sol, nesta hora, ensaiava adogar o mundo, encastoando em luz as linhas dos montes.

Seguiam José e Maria o destino de Belém. Tinham o caminhar macio, escolhendo cuidados para não machucar a poesia em vésperas de revelação.

E o amor do carpinteiro, ao presentir fadiga sombreando a ternura da esposa, recostava sob sombra com aragem de canção e água. O olhar de Maria recolhia as ovelhas e segredava onde prados mais verdes, onde folhas mais tenras, onde fontes mais frescas.

Ao derramar sobre a terra o linho para o pão, o peixe, a água, o vinho, as aves em coral glorificavam a comunhão. Borboletas em relâmpagos e cores se misturavam às tâmaras maduras que se ofertavam. As abelhas, esquecendo a rainha, cravejavam com mel gotas de brilhantes na superfície do pão. O vento, moderado em brisa, desatava sorrisos nas folhas e soprava prenúncios. Os pombos, surdos ao mundo, voavam paz, lá muito longe.

José, convertido pelo encantamento, visitava o futuro. Ele sabia que o presente era pequeno para abrigar o ainda secreto. Maria mirava as formigas que aguardavam o fim da refeição para transportar, em procissão e pálio, as migalhas, deixando limpo o linho para a ceia. Mas a mulher, que aprendera a ler no livro de Ana, propositadamente aspergia mais migalhas, como que prolongando o diálogo.

Nas noites, as três-marias entoavam noturnos, a música escorregava em flauta, harpa e garganta, para cair no ouvido da irmã, grávida em emoções e sentenças.

Não sei quantos foram os sóis e as luas. Faz tempo e meus dedos são poucos para contar tamanha história. Se longo o caminho andado para o recenseamento, não menor

fora o tempo da espera. Mas o certo é que houve a tarde para vislumbrarem Belém.

NASCIMENTO

Nenhuma água-furtada. De porta em porta José e Maria sonhavam pousada pelas travessas de Belém. Não fora por acaso que lhes restou a estrebaria, refúgio recoberto em palmas e acolchoado em palhas. Ao por ali se adentrar, a quase família sagrada não causou assombro ao jumento nem espanto ao boi.

Vendo-se intrusa, Maria acariciou com olhos e desculpas os animais já despertados para o sonho. O gesto da mulher afagou em graça o coração das criaturas. José fez crescer um fogo para aquecer o frio se por ali ele se atrevesse. Maria pensativa suspeitava vigília pela noite que caía.

Lá fora, o luar abrandava o escuro e vôos povoavam de cascata e asa a claridade. O céu se bordava com estrelas. O vento trazia lembranças do mar no cheiro da maresia.

Era singular a noite sem contudo inquietar os insetos que sussurravam evidências às raízes. E as raízes confidenciavam notícias às pedras que se faziam preciosas. Beija-flores, sem licença, se aninhavam entre a lã das ovelhas. As ovelhas permaneciam fiéis aos pastores que já não ousavam falar às flautas. Nos ninhos, os ovos se adiantavam em filhotes. Galos afinavam as gargantas para acordar com louvores os ouvidos. Nos ramos, os botões se apressavam em flores, tudo para o absoluto milagre. Mesmo o trigo se amadureceu para o pão, as uvas se mostraram prontas para a liturgia.

As aranhas desfizeram as redes e se puseram mansas entre novelos e seda. As serpentes – traiçoeiras e ferozes – agora indefesas pela beleza.

Gabriel abriu, de par em par, as portas do firmamento. O silêncio, que até então musicava os prelúdios do nascimento, cedeu lugar a falanges de anjos e arcanjos que invadiram de glórias, cítaras e clarins a paisagem inteira. Santos e profetas, querubins e serafins se debruçavam nas constelações.

O choro do menino explodiu em tamanha liberdade que ainda se ouve o seu eco.

Reis que ao longe do presepe dormiam souberam, por sonho e estrela-guia, do alumbramento. Pesados em ouro,

incenso, mirra, benjoim, Gaspar, Baltazar e Belchior seguiram para adorações.

Pastores se apressaram com música; tecelãs presentearam com agasalhos; lenhadores trouxeram madeira; pescadores propunham peixes; padeiros dividiam o pão; agricultores repartiam a colheita; lavadeiras ofertavam lençóis. Os animais exibiam suas penas, peles, força e canto junto da manjedoura. As crianças, ansiosas, imaginavam cirandas e adivinhações.

E a sorte trouxe também as ciganas, entre carmins e ouro, que leram na mão esquerda do menino, fuga para o Egito, lições aos doutores da Lei, amores por todos os caminhos, fortunas para a casa do Pai. Mas viram injustiças, traições, morte e predisseram vitórias entrando pelas portas do céu.

Há o céu e a terra. Há oceanos e montanhas, noites e manhãs. Peixes, aves e ervas verdes se multiplicam sob o sol e a lua. Depois do sexto dia, presidindo a tudo – mesmo os animais os mais selvagens – há o homem e a mulher.

Não me pergunte desde quando tudo há. Eu não estava lá. Sei apenas sopros dessa história. Sim, todas as horas são poucas, toda distância é pequena, todo calendário é insuficiente para medir o eterno.

Ah! O eterno é o sempre. Não tem nós de nascimentos ou embarços de morte. E o pensamento, este é terreno demais para decifrar intenso mistério.

Texto integral do livro *Escritura*. 3.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.



HILAL SAMI HILAL. Instalação *Sherazade* (detalhe), da mostra *Seu Sami* – Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2008. Foto: Paulo Lacerda

